

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: AWR 000 28

Data: *19.04.92*

Pg.: _____



A índia araweté Mirã-hi e sua filha, com jabutis de estimação

Índios araweté do Pará vêm tevê pela 1ª vez

LEÃO SERVA

Enviado especial a Altamira

Eles são chamados araweté, 195 índios que ocupam área no Pará duas vezes maior que o Distrito Federal. Contatados em 1976, sua população caiu à metade em pou-

cas semanas e duas epidemias. Uma de suas obsessões, o sexo, pode explicar o fato de, depois, terem recuperado a população original. Dois antropólogos que viajaram com a **Folha** levaram uma tevê à aldeia, a primeira que os índios viram. PÁG. 1-10

DIA DE ÍNDIO

Araweté esperam demarcação de reserva

Área indígena no sudeste do Pará sofre invasão enquanto a Funai aguarda ordem ministerial de demarcação



Aldeia dos araweté, que tem 195 índios vivendo numa área ameaçada por madeireiras

LEÃO SERVA

Enviado especial a Altamira

Eles são chamados araweté. A tribo é composta por 195 índios, bem menos famosos do que os mais numerosos ianomami, sobre os quais se voltaram olhos do mundo todo. Vivem no sudeste do Pará, numa área proporcionalmente maior que a dos índios de Roraima. Habitam terras banhadas a oeste pelo rio Xingu e cortadas ao meio pelo igarapé Ipixuna, também nome da área indígena interditada pela Funai em 87, mas até hoje não demarcada.

Após algumas invasões controladas em 87, a área voltou a ser invadida possivelmente por madeireiras. Os caminhos usados cinco anos atrás (pistas de pouso e uma estrada aberta na selva, no extremo leste da área) foram renovados. Em janeiro, numa expedição de caça, índios do grupo viram pela primeira vez em suas vidas alguns caminhões, encontrados depois que ouviram barulho de árvore caindo.

Depois disso, dois funcionários da Funai voando sobre a área dizem ter visto campos de pouso

em bom estado, limpos como uma estrada e alguns ramais abertos na selva —sinal de uso recente.

As invasões coincidem com o momento em que a ordem de demarcação da reserva repousa na mesa do titular do Ministério da Justiça. Em novembro do ano passado, o presidente da Funai, Sidney Possuelo, enviou ao então ministro Jarbas Passarinho o estudo justificando a delimitação de uma área total de 985 mil hectares. Isso é pouco menos que o dobro do Distrito Federal (579.420 hectares) —um hectare corresponde à área de um campo de futebol como o do Maracanã.

Apesar de possível tensão na área fundiária, o Posto Ipixuna é dos que enfrentam menos problemas. A maioria tem boa saúde —a não ser pelos dentes, destruídos desde a introdução de novos hábitos alimentares, e de casos isolados de doenças graves: suspeita de tuberculose e três vítimas de uma doença tropical de difícil tratamento, que ataca os pulmões e matou um homem.

A tribo, de língua tupi-guarani, foi contatada por uma equipe da

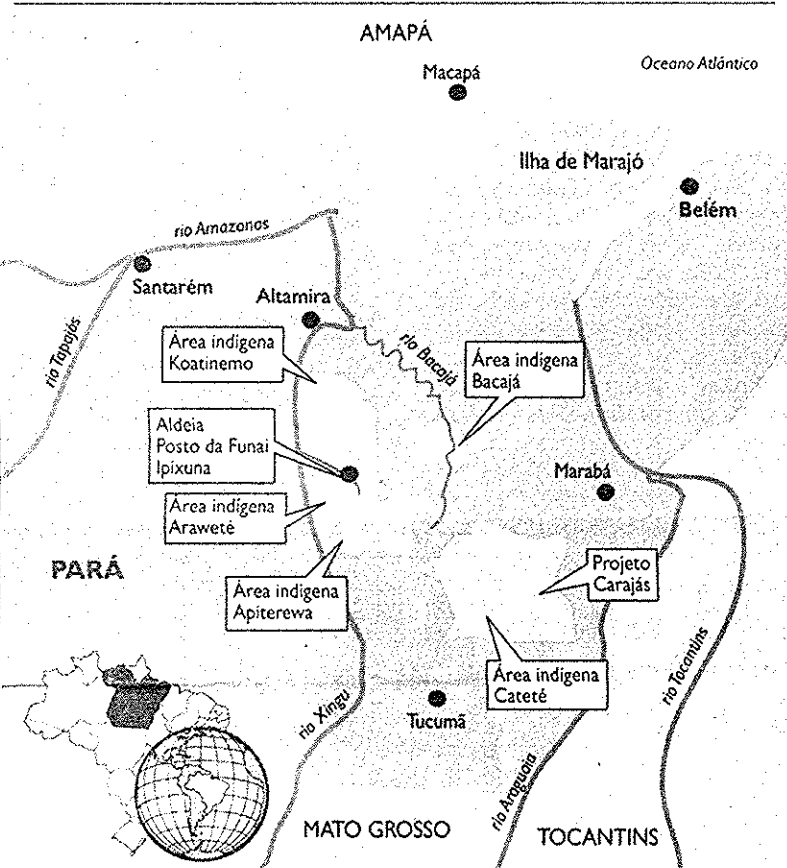
Funai em 76. O engano de um dos sertanistas responsáveis pela atração deu o nome aos índios. Araweté não quer dizer nada na língua deles, mas o sertanista achava que era o nome que eles davam ao seu povo. A designação pegou e se perpetua.

Poucas semanas após o contato, os cerca de 240 habitantes tinham sido reduzidos à metade. Em 15 anos, multiplicaram-se. São hoje 195 —uma menina nasceu durante a visita da qual a Folha participou, entre os dias 29 de março e 8 de abril— e 13 mulheres estão grávidas. Se o crescimento se mantiver, em breve atingirão a população que tinham antes do impacto da convivência sistemática com brancos.

Em sua tese "Araweté - Os Deuses Canibais" (editora Jorge Zahar), o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (do Museu Nacional do Rio) diz que os membros do grupo têm duas grandes preocupações: sexo e espíritos, o que se reflete compulsivamente nas conversas, cheias de malícia e mitos ancestrais. Talvez isso explique o rápido crescimento demográfico nos anos após o contato, garantindo a força da tribo.

ONDEVIVEM OS ARAWETÉ

Localização da área indígena do Igarapé Ipixuna



Mãe e filha, no chão do pátio onde viam televisão, usam as roupas tradicionais femininas, em algodão pintado



Meninas em fila procuram piolho na cabeça das outras em um sinal correspondente mais ao carinho do que a higiene

Programa de índio



Crianças da tribo araweté olham com curiosidade imagens mostradas na televisão

Tribo fica fascinada ao ver televisão pela primeira vez

Imagem em vídeo de velho líder morto causa susto

Do enviado especial a Altamira

Os índios amaram a televisão. Os antropólogos Eduardo Viveiros de Castro e Carlos Alberto Ricardo, que viajaram com a Folha para a área indígena Ipixuna, levaram televisão e videocassete, alimentados pelo gerador elétrico do posto da Funai.

Por três noites, os índios assistiram gravações realizadas na aldeia em 91 e reportagens sobre a resistência de outros índios contra invasões de terras. Havia também a gravação da visita de dois jovens da tribo a São Paulo e Rio, em fevereiro passado.

As gravações —bem como as

gravações das cenas em que eles aparecem vendo as próprias imagens— fazem parte do material preparado pelos antropólogos para uma exposição multimeios prevista para ser realizada em São Paulo em junho.

O maior "ibope" foi uma reportagem sobre manifestações dos índios kaipó, vizinhos e maiores inimigos dos araweté. Estes gritavam e viam com muita curiosidade as cenas em que apareciam os beigos de pau característicos dos kaipó.

Acostumados à fotografia e à câmeras de vídeo, eles jamais tinham assistido televisão. Riam muito das cenas em que apare-

ciam em meio ao cotidiano da aldeia. Ficaram por vários minutos em silêncio, estranhando as cenas de um depoimento gravado no ano passado com um velho morto pouco depois.

A morte é um tabu para os araweté. Tradicionalmente, sempre que um velho morria eles mudavam de aldeia. Depois da fixação junto ao posto da Funai, passaram a realizar longas viagens após a morte de alguém. O hábito também foi abandonado. Hoje fecham todas as entradas ou derrubam a casa da pessoa. Mas ver seu "espírito" falando no vídeo causou grande estranhamento. Afinal, até aquele momento, só os pajés tinham o poder de ouvir vozes dos mortos.

AS AMEAÇAS AOS ARAWETÉ

Tribo foi localizada pela Funai em 87

Madeireiras: Empresas que exploram madeira no sudeste do Pará invadiram a área em 1987. Foram reprimidas por ação da Funai. Neste momento, os caminhos usados para as explorações cinco anos atrás estão reativados, levantando a suspeita de novas invasões

Hidrelétricas: O conjunto de represas planejado pela Eletronorte para o rio Xingu está engavetado, mas não abandonado. O lago da hidrelétrica de Babaquara cobrirá cerca de 10% da reserva, incluindo a aldeia atual do grupo

Mudança da aldeia: A Funai tem plano de mudar os índios da aldeia atual para uma área às margens do rio Xingu. A região é mais exposta a doenças como malária e outras comuns entre os brancos que andam pela região

Doenças: Em 16 anos de contato, os Araweté sofreram várias epidemias de gripe, conjuntivite e malária e casos de tuberculose e leishmaniose, entre outras doenças. As epidemias têm ocorrido pelo menos uma vez por ano

Mortalidade infantil: O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro estima que desde 78 de cada três crianças que nascem, uma morre, a maioria nos primeiros quatro meses de vida. A principal causa são epidemias. Também costumam matar as crianças que nascem de mães que sofreram doenças ou tratamento médico branco na gravidez

Contato inicial com homem branco em 76 trouxe tragédia

Do enviado especial a Altamira

O início da convivência com os brancos foi trágico para os araweté. Poucas semanas após o primeiro encontro com os brancos, em agosto de 76, o grupo fez por determinação da equipe da Funai uma viagem a pé pela mata que durou 17 dias. Ao final da caminhada, alguns funcionários voltaram para procurar os índios que haviam adoecido, sendo deixados para trás. Encontraram 66 corpos.

Três meses depois da mudança, já instalados em um posto no igarapé Ipixuna, os araweté eram cerca de 110. Menos da metade da população no momento do contato com os brancos (segundo estudo demográfico realizado por Viveiros de Castro).

Um dos funcionários que trabalhou no contato com os então chamados "índios de olhos azuis", Francisco de Assis Monteiro, tem hoje 36 anos, 19 dos quais na Funai. Ele trabalhou junto aos araweté nos primeiros anos de convívio com brancos e para lá voltou há cerca de quatro anos. Foi ele o responsável pela busca e pelo censo da tragédia.

"Nós estávamos procurando os índios no alto do Ipixuna. Tínhamos preparado um posto de atração ali, quando eles apareceram numa plantação de um branco na beira do Xingu. Aí viraram atração turística", contou a Folha. Nos primeiros dias de convívio com a família do posseiro branco, alguns índios adquiriram a conjuntivite que maltratava um de seus filhos. O menino se dava bem com os araweté e era usado pelos sertanistas nos contatos diários. Sua doença se espalhou rápido.

Diante da epidemia e longe do local da fixação, a equipe da Funai chefiada pelos sertanistas Raimundo Alves e João Carvalho decidiu conduzir o grupo até o posto, numa viagem de 17 dias. "Nesse meio todo mundo começou a adoecer. Ficavam meio cegos. E aí eram deixados para trás". Após 10 dias, o grupo era assolado também pela gripe, diz Monteiro. "No quinto dia só metade deles continuava andando."

Um mês e meio depois de instalados no posto, os índios convenceram a equipe da Funai a procurar os que tinham ficado para trás. "Logo no primeiro acampamento, encontramos 6 corpos", afirma Monteiro.

Outros índios podem ter se dispersado e sido mortos pelos inimigos Parakanã, que rondavam a área. Os ataques frequentes desses outros índios fizeram com que a Funai, em 1978, mudasse a aldeia para o local onde estão até hoje.

Nos anos seguintes ocorreram violentas epidemias de gripe, malária e conjuntivite. Mas o número de mortos foi sempre sobrepujado pelos nascimentos constantes.

O jornalista LEÃO SERVA viajou a Altamira (PA) e à aldeia Araweté a convite do Centro Etnográfico de Documentação e Informação (CEDI) que organiza exposição sobre a cultura da tribo prevista para ser realizada em São Paulo no mês de junho.